

VITÓRIA SIMÃO HORROCKS

**MIGRAÇÃO HOLANDESA NO SÉCULO XIX SOB A
PERSPECTIVA DA AUTOETNOGRAFIA**

Trabalho de Graduação Individual em Geografia

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

USP – SÃO PAULO

2026

VITÓRIA SIMÃO HORROCKS

**MIGRAÇÃO HOLANDESA NO SÉCULO XIX SOB A PERSPECTIVA DA
AUTOETNOGRAFIA**

Monografia submetida à apreciação de banca examinadora do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do grau de bacharel em Geografia, elaborada sob a orientação do Professor Dr. Carlos de Almeida Toledo.

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

USP – SÃO PAULO

Fevereiro/ 2026

Esta monografia foi examinada pelos professores abaixo relacionados e aprovada com nota final _____ (_____).

Autorizo a disponibilização desta monografia para consulta pública e utilização como referência bibliográfica, mas sua reprodução total ou parcial somente pode ser feita mediante autorização expressa do autor, nos termos da legislação vigente sobre direitos autorais.

São Paulo, ____ de _____ de ____ Assinatura: _____

Agradeço e dedico essa pesquisa a toda a minha família, especialmente ao meu pai, pelas conversas e memórias. As minhas irmãs, Alessandra e Natália, e minha querida prima Lara, que se envolveram animosamente e ofereceram uma valiosa contribuição. Aos meus colegas e amigos, professores e educadores, agradeço imensamente pela companhia e experiências compartilhadas, que me ensinaram tanto e me orientaram. E, pelo acolhimento, sou profundamente grata ao meu estimado orientador, Carlão.

“Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos”

Ailton Krenak
Ideias para adiar o fim do mundo, 2018

Resumo

O presente trabalho propõe investigar a narrativa das histórias familiares da família Berenbroek que emigrou dos Países Baixos para a Argentina. Sob a perspectiva da autoetnografia, a análise percorre desde a trajetória migratória de Mathijs Berenbroek, expulso da sua casa em Nijmegen até a o falecimento de sua neta, Johanna Berenbroek, em Campinas, no Brasil. Essa história, rica em mobilidade, apresenta fatos que ilustram a teoria de David Harvey sobre a acumulação por despossessão e a mobilidade da força de trabalho como demanda da expansão capitalista. E, nesse sentido, busca-se entender as forças que mobilizaram os Berenbroek nessa saga migratória, considerando a religião como um dos pivôs para a escolha de seu lugar de destino.

Palavras-chave: Migração; Autoetnografia; Migração Holandesa; Imigração Argentina; Religião; Crise Econômica; História do Trabalho; Mobilidade.

Abstract

This paper aims to investigate the narrative of the family stories of the Berenbroek family, who emigrated from the Netherlands to Argentina. From an autoethnographic perspective, the analysis traces the migratory trajectory of Mathijs Berenbroek, expelled from his home in Nijmegen, to the death of his granddaughter, Johanna Berenbroek, in Campinas, Brazil. This history, rich in mobility, presents facts that illustrate David Harvey's theory of accumulation by dispossession and the mobility of labor as a demand of capitalist expansion. In this sense, the study seeks to understand the forces that mobilized the Berenbroek family in this migratory saga, considering religion as one of the pivotal factors in choosing their destination.

Keywords: Migration; Autoethnography; Dutch Migration; Argentine Immigration; Religion; Economic Crisis; Labour History; Mobilities.

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| 1. A AUTOETNOGRAFIA COMO MÉTODO | 11 |
| 2. A MIGRAÇÃO HOLANDESA NA ARGENTINA | 13 |
| 3. A CRÔNICA DE UMA FAMÍLIA HOLANDESA | 19 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 31 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 33 |

INTRODUÇÃO

O meu sobrenome foi contemplado com a herança da minha bisavó e não do meu bisavô, como seria o costume. Ana Elizabeth Horrocks passou o seu sobrenome para o seu filho, Nelson Ernesto Horrocks, que passou para o meu pai, Luis Alexandre Costa Horrocks e que passou para mim. A minha iniciativa de desenhar uma árvore genealógica da família me posicionou sobre o questionamento do motivo dessa herança incomum no sobrenome e, claro, pela verificação da ausência de um sobrenome que remete à também ausência de uma pessoa nessa árvore genealógica: o meu bisavô. Assim, comecei a minha jornada na tentativa de encontrar esse sujeito ocultado, sob a tutela de histórias românticas burguesas adornadas do amor idealizado, mas até o momento a busca foi infrutífera no seu objetivo, já que esse homem se deu o privilégio de se omitir do reconhecimento do filho.

Desse esforço, no entanto, brotaram muitas outras histórias, documentos e fotografias, além de indícios da possível paternidade. A tentativa de compreensão dos motivos que levaram a essa situação de abandono paterno significa bater de frente com uma sociedade patriarcal de leis e costumes misóginos, mas que tem apresentado alguns avanços nessa pauta recentemente, visto que esse assunto vai além das particularidades familiares, está contido nas leis, nos costumes e nas crenças estabelecidas socialmente e que, corriqueiramente, violam os direitos das crianças.

Diante da falta de evidências sobre a paternidade ausente na minha árvore genealógica, outra investigação despertou o meu interesse, a migração de uma família ancestral holandesa para a América espanhola. Esse movimento migratório aconteceu no final do século XIX, não sendo tão comum quanto a migração holandesa para a América inglesa. E foi uma decisão especialmente curiosa ao notar que a cultura holandesa, suas tradições e costumes, foi sendo apagada, principalmente, em detrimento dos costumes dos ingleses, cujas relações de poder na América espanhola tiveram grande influência na sociedade argentina. Assim, a pesquisa sobre os processos e a análise das forças que motivaram o movimento migratório dessa família é o objeto de estudo desse trabalho.

Atualmente, a questão migratória vem fervilhando os debates políticos mundo afora. Estrangeiros têm sido alvo de ameaças de movimentos neonazistas no continente europeu¹. Latino-americanos têm sofrido perseguições do governo norte-americano sob o mandato de Donald Trump². E muito pouco ou quase nada de resposta efetiva o mundo recebeu de suas instituições em defesa dos imigrantes. Definir essas pessoas que percorrem o globo dando vida e nome ao fenômeno é uma tarefa complexa, visto que não basta definir a migração como um processo de deslocamento de indivíduos ou grupos no espaço, mas abordar também o processo dinâmico das interações culturais, sociais e econômicas.

Essa pesquisa é orientada a partir da perspectiva que reconhece os migrantes como sujeitos que se adaptam a novas culturas e ambientes e, ao mesmo tempo, influenciam as comunidades nas quais se estabelecem, gerando transformações e enriquecendo o tecido cultural dessas sociedades, afinal, a migração não é apenas sobre as pessoas que se mobilizam, mas é, também, sobre as pessoas que não se mobilizam e são impactadas por aquelas que se mobilizam³. Nesse sentido, as paisagens também são impactadas por essas interações, visto que o território é um espaço definido e limitado pelas relações de poder e esse espaço geográfico vai se constituindo como um lugar de pertencimento e identidade.

A minha história, assim como a de tantos outros latino-americanos, envolve processos migratórios recentes, datados do final do século XIX, e intrinsecamente conectados com as demandas do capital. Muitas dessas migrações não contam com registros oficiais e outras foram apagadas pelo processo da violência estrutural do Estado. A minha pesquisa sobre o tema se baseia em estudos etnográficos, desencadeada pela procura do meu bisavô, que permanece um mistério. Mas algo da identidade foi resgatado quando veio à tona o sobrenome holandês da grande matriarca da família, a minha tataravó, Johanna Berenbroek. Seguido de muitas indagações sobre as dinâmicas das relações sociais, culturais e econômicas que motivaram e permitiram a migração da família Berenbroek para a América espanhola,

¹ <https://oglobo.globo.com/mundo/fantasma-da-xenofobia-volta-assombrar-leste-alemao-17349650>

² <https://www.opecu.org.br/2025/05/01/latinos-na-mira-as-deportacoes-nos-100-dias-do-governo-trump-2-0/>

³ Perspectiva extraída da palestra de Leo Lucassen no webinar “Seeing like a historian. A cross-cultural perspective on global migrations in the past millennium”, promovido pelo Observatório da Emigração (CIES_Iscte), realizado em 25 de maio de 2023. https://www.youtube.com/watch?v=_KlpEEzGdvE

além do curioso fato da sua cultura holandesa ter sido tão ofuscada, ou mesmo oprimida, por costumes do povo da mesma etnia de seu marido inglês, James Horrocks.

Esse trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresentarei o conceito da autoetnografia proposto por Carolyn Ellis e como pretendo usá-lo na pesquisa. Seguindo para o segundo capítulo, desenvolverei um resumo crítico, destacando o argumento mais relevante do artigo autoetnográfico de Maximiliano Korstanje, para a minha investigação. Esse artigo, além de ter sido uma fonte de inspiração para a adoção do método autoetnográfico, serviu de base conceitual para esclarecer processos da minha autoetnografia, dada as semelhanças nas narrativas das histórias familiares. Na sequência, o terceiro capítulo abrirá para a narrativa e investigação das minhas histórias familiares herdadas e que foram carregadas de contradições, sendo finalmente confrontadas e podendo dialogar com os documentos e registros dos arquivos municipais das cidades dos Países Baixos, além do suporte da base teórica para entender os devidos processos e, assim, permitindo esclarecer e completar as narrativas.

1. A AUTOETNOGRAFIA COMO MÉTODO

“O que torna a sua história mais válida é que você é um pesquisador. Você tem um conjunto de ferramentas teóricas e metodológicas e uma literatura de pesquisa à disposição para usar.”

Mitch Allen⁴

Carolyn Ellis é uma acadêmica estadunidense e uma das principais teóricas da autoetnografia, que define como um método de pesquisa qualitativo, combinando características da autobiografia, ao relatar experiências pessoais do passado, com da etnografia, ao estudar as práticas relacionais da cultura a fim de compreendê-la melhor. É uma abordagem que permite ampliar a visão de mundo da ciência, pois valoriza a subjetividade, contrariando a noção tradicional de neutralidade atribuída a esse campo do conhecimento. Portanto, a autoetnografia pode ser vista tanto como processo quanto como produto na tentativa de romper a binaridade entre as ciências e as artes, buscando produzir narrativas significativas e acessíveis que promovam compreensão, empatia e mudanças sociais, valorizando tanto o rigor analítico quanto a expressão estética.

Surgida nos anos de 1980 em resposta à "crise de confiança" no pós-modernismo, que questionava as limitações ontológicas e epistemológicas das ciências sociais, a autoetnografia buscou criar narrativas significativas e acessíveis, sensíveis às questões de identidade e experiências marginalizadas. Ao passo que reconhece e dá lugar à subjetividade, emotividade e influência do pesquisador na pesquisa, ao invés de se esquivar dessas questões ou fingir que elas não existem, faz com que quem utiliza essa abordagem, escreva sobre suas “epifanias” de eventos que implicaram em alguma transformação na vida. Esses eventos envolvem uma escrita retrospectiva e a análise dessas experiências com ferramentas teóricas e metodológicas. O objetivo é ilustrar aspectos culturais e conectar experiências pessoais com contextos mais amplos, afinal quem escreve uma etnografia já se torna um observador-participante da cultura.

⁴ Citação de entrevista pessoal, 4 de maio de 2006. In: ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography: An Overview. Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research, [S. l.], v. 12, n. 1, 2010, pp. 4.

A autoetnografia deve fazer o pesquisador olhar para a experiência de forma analítica, utilizando as ferramentas teóricas e metodológicas, além da literatura científica, a fim de ser capaz de tornar mais válida a sua história. De maneira geral, é um método de pesquisa que aproxima os leitores através da sua narrativa, sendo possível alcançar uma massa mais diversificada de pessoas para além daquela que os pesquisadores tradicionalmente alcançam. Esse é um movimento que pode promover mudanças pessoais, sociais e culturais ao ampliar o seu alcance, pois ao integrar aspectos científicos e artísticos, apresenta a possibilidade de produzir textos que sejam analíticos e acessíveis, capazes de engajar os leitores.

O objetivo principal não é a precisão científica tradicional, mas sim criar textos que transformem o entendimento e as relações humanas. Os autoetnógrafos acreditam que a pesquisa pode ser simultaneamente rigorosa, teórica e analítica, além de emocional, terapêutica e inclusiva; e valorizam a necessidade de escrever e representar a pesquisa de forma evocativa e estética, sem que isso comprometa sua legitimidade científica. Assim, os textos produzidos devem lançar mão de técnicas narrativas, como o desenvolvimento de personagens e enredo. Além disso, implica em questões éticas, pois envolve tanto experiências pessoais quanto de terceiros, exigindo sensibilidade na representação.

Carolyn Ellis, ajudou a institucionalizar a autoetnografia nas ciências sociais e humanidades, conseguindo consolidar uma abordagem que valoriza a subjetividade e a conexão entre experiências pessoais e culturais, promovendo uma compreensão mais ampla e empática do mundo. Logo, ao me dispor de uma autoetnografia como bibliografia base para o meu estudo autoetnográfico, considero a escolha do método por sua característica reflexiva, sua prática global e seu processo crítico; e assumo, então, esse método experimental como validado para compreender as questões sociais, pois permite explorar a vida íntima das unidades familiares e conectar o indivíduo com a sua história, trazendo contribuição para a sociologia e as ciências humanas.

2. A MIGRAÇÃO HOLANDESA NA ARGENTINA

“Fazer o lugar, em particular o que chamamos de ‘casa’, é uma arte que pertence principalmente ao povo e não ao capital, [...]”

David Harvey⁵

O estudo da migração holandesa na Argentina enfrenta alguns entraves como a precariedade na coleta de dados e documentos, devido ao período da ditadura militar argentina que permitiu que parte da documentação histórica da *Dirección Nacional de Migraciones*⁶ fosse destruída durante os anos de 1976-1982, acarretando numa limitação metodológica, conforme apontado por Maximiliano Korstanje em sua autoetnografia sobre o tema.

Diante desse fato, tornou-se necessário para o autor recorrer a uma "caixa preta", ou seja, ao desconhecido, onde as condições e razões de um evento permanecem ocultas. No intuito de preencher a lacuna entre o passado e o que as pessoas lembram, Korstanje realizou a sua pesquisa sob a perspectiva da autoetnografia, para obter mais conhecimento sobre a sua história familiar e a imigração holandesa na Argentina.

O estudo de Korstanje buscou compreender como a compatibilidade cultural e religiosa tiveram um papel fundamental na migração e, seguindo a sua linha de pesquisa, a fim de verificar a sua tese para o meu caso específico, busquei compreender os fatores que culminaram na migração de holandeses para o país. Em sua autoetnografia, Korstanje apresenta dados que mostram que a religião era um fator fundamental para a escolha de países de destino para os imigrantes durante o período do século XIX, decorrendo que a imigração holandesa para a Argentina foi inexpressiva em termos numéricos, já que se tratava de um país católico ao passo que, nos Países Baixos, predominava o número de protestantes.

O autor, então, partiu em “busca de algo novo”, procurando os motivos que fizeram com que alguns holandeses escolhessem como destino a Argentina ao invés

⁵ *O enigma do capital e as crises do capitalismo*, São Paulo, Boitempo, 2011, pp.157.

⁶ Departamento Nacional de Migração da Argentina, uma organização estatal responsável por controlar, fiscalizar e regular os movimentos migratórios dentro do território nacional.

dos Estados Unidos, um país predominantemente protestante. Ele verificou que havia uma maioria de imigrantes holandeses católicos nessa onda de migrantes de 1880 a 1914 que chegaram na Argentina. Havia também uma política de estado para atraí-los para a região e fomentar a migração em massa. Uma constatação importante levantada em seu texto foi que a religião praticada nas colônias era fundamental para manter a comunidade de imigrantes protestantes e seus costumes, enquanto que em outras colônias em que havia disputas religiosas, esses imigrantes não conseguiram preservar a sua cultura. Portanto, havia uma relação intrínseca entre a preservação da cultura e a prática religiosa.

Essa autoetnografia primeiro apresenta o papel central da religião na escolha do destino da migração durante os séculos XIX e XX. Tanto a compatibilidade cultural quanto a afiliação religiosa eram fatores determinantes da migração naquele período, ao contrário do que justifica a mobilidade moderna dos indivíduos, pois naquele contexto, serviram de guia na adaptação ao país de destino, um espaço completamente desconhecido por aqueles que chegavam. É considerável notar que, entre 1846 e 1932, os Estados Unidos concentrou o fluxo de imigrantes, que preferiram escolher um ambiente com condições materiais de produção. Apenas uma minoria de menos de 4% dos holandeses migraram para a América do Sul comparados a quase 75% que chegaram à América do Norte. Portanto, a comunidade sul-americana de holandeses se limitou a chegada de 8 mil pessoas entre 1880 e 1920; conforme apontam os dados obtidos pelo autor no artigo de 1998 de Swierenga⁷.

Assim como Korstanje apontou, eu tive dificuldades para encontrar documentos sobre a minha família e, também, sobre a imigração holandesa para a Argentina nos arquivos disponibilizados online pelo governo argentino, então, quando parti para a busca de documentos históricos dos Países Baixos, encontrei uma vasta coleção de arquivos, organizados e digitalizados, essenciais para essa pesquisa.

Depois desse primeiro debate preliminar, o autor contextualiza a relação entre a Europa e os Países Baixos, que teve a sua fase de ascensão, estagnação e declínio e cujas migrações nos séculos XIX e XX mostraram o avanço da industrialização em toda a região. Os Países Baixos enfrentaram disputas internas causadas pelo declínio

⁷ Disponível em: https://www.swierenga.com/Madrid_pap.html

econômico, resultando em empréstimos contraídos com a Rússia e a França, e, após anos de luta e desordem política, os seus anos de independência chegaram ao fim ao serem indexados ao Império de Bonaparte, indo de uma potência internacional republicana a uma nação dominada. E, numa Europa marcada por conflitos religiosos, vai ressurgir uma nova guerra civil entre católicos e protestantes no país, em 1830.

Três aspectos contribuíram para a migração massiva em toda a Europa, a miséria rural que obrigou os camponeses a mudarem para as cidades e trabalharem nas fábricas; a conquista da América que encorajou a crença na aventura e exploração; e a demanda estrutural da Europa pela expansão de seu mercado. Além disso, havia um desequilíbrio populacional causado pela prosperidade do século XVIII, que foi seguido pelas guerras de intolerância religiosa e levou milhares de holandeses a migrarem. As monarquias ficaram sobre bases frágeis e não conseguiram dar respostas aos problemas sociais enfrentados pela população. Essas mudanças estruturais e sociais que ocorreram no processo de avanço do estado-nação era não apenas problemático como traumático para os camponeses e milhares de migrantes.

A migração holandesa é complexa, mas é importante focar nos motivos que levaram milhares de fazendeiros a abandonar as suas casas. Nas províncias de Friesland e Frísia, as diversas formas de privação material gerou insatisfação dos camponeses. Diversos países agrários, como Estados Unidos, Argentina, Canadá e Índia, que saturaram o mercado europeu com grãos, paradoxalmente, tornaram-se destino para essa massa de camponeses insatisfeitos. A crise nas fazendas, que foi de 1877 a 1891, surgiu como resultado das demandas da industrialização, induzindo a mobilidade entre os camponeses. Muitos deles migraram para as grandes cidades e outros encontraram destino nos países periféricos, como a Argentina que estava recebendo esses trabalhadores desempregados.

Em 1871, o governo argentino abriu o primeiro posto para migração em Antuérpia, Bélgica, criando um movimento de massa de belgas e holandeses para a Argentina, entre 1880 e 1910, acompanhado de uma estrutura legal que recebia e organizava geograficamente esses trabalhadores nas terras. Esse movimento também significou mudanças na Argentina, que organizou uma campanha militar, a *Campaña del Desierto*, para exterminar os aborígenes da região do Rio Colorado e facilitar a posse de terras. Dessas terras, 15 mil hectares foram entregues às famílias aristocráticas que financiaram o governo no passado. Esses donos de terras

monopolizaram o governo, seus interesses e políticas internacionais; e, mesmo para os migrantes europeus, o acesso às terras era restrito, sendo subordinados a trabalhar para essa aristocracia, dona de terras. Assim, apesar do grande esforço do governo argentino para atrair imigrantes nórdicos, para os seus propósitos e perspectivas de industrializar a nação, conforme justificavam essa preferência; eles receberam, comparativamente, mais imigrantes de outras etnias, como italianos e espanhóis.

Korstanje ainda apresentou dados da sua pesquisa, revelando que a migração holandesa para a Argentina foi mais intensa entre 1881 e 1890, quando 4698 holandeses chegaram e 1028 retornaram para casa, deixando 3670 pessoas no país. A migração holandesa, no geral, foi insignificante quando comparada com outras, e, acrescenta-se o fato de que 46,11% deles retornaram para o país de origem. Vale ressaltar que a amostra de dados desse trabalho não representa mais do que 1% de todas as chegadas. Korstanje conclui, então, que a religião era o principal fator para os trabalhadores escolherem o local de destino, oferecendo suporte para a tese que sugere que as pessoas de países católicos, como Espanha e Itália, além da maior compatibilidade linguística, escolhiam países de matriz católica como a Argentina, enquanto holandeses preferiram migrar para os Estados Unidos, com suas raízes fundadas no protestantismo.

Para o autor, esses dados validam a importância da religião para determinar o destino dos imigrantes. Em 1834, foram inaugurados abrigos para imigrantes em Buenos Aires e muitas igrejas foram restauradas para lhes dar assistência. Enquanto na Europa estava se incentivando a migração do campo para as cidades, na Argentina a migração seguia destinada às zonas rurais, mas sem qualquer suporte de instrumentos ou recursos para o trabalho na terra. Ao mesmo tempo em que não era possível retornar ao seu país de origem, a situação na Argentina não era como imaginavam. Os primeiros imigrantes holandeses foram destinados para trabalhar no incentivo à indústria bovina, criando inclusive uma nova raça: a Holando-Argentino. Mas, muitos deles retornaram para os Países Baixos, devido à falta de condições ideais e à forte dependência que tinham dos donos de terras.

Korstanje ainda apresenta dados coletados no Museu da Imigração de Buenos Aires - MUNTREF, com uma amostra de 152 biografias de imigrantes que chegaram à Buenos Aires entre 1882 e 1888, e permite uma melhor compreensão sobre as suas profissões e fé religiosa:

- 58,55% das famílias praticavam a fé católica; 21,05% eram protestantes e 15,13% eram famílias de fé mista;
- 28,94% eram crianças, enquanto 71,05% eram trabalhadores, dos quais, 26,85% do campo; 11,11% comerciantes e 3,7% técnicos;
- 37,5% estavam entre a faixa etária de 21 e 30 anos, enquanto 19,07% tinham entre 31 e 40 anos.

Diferentemente de outras nacionalidades, a maioria dos imigrantes holandeses chegaram com suas esposas e filhos, mas vale considerar a limitação dessa amostra para dados estatisticamente representativos.

A grande maioria dessa massa de imigrantes era composta por fazendeiros em busca de melhores condições de vida, mas que enfrentaram problemas econômicos sob a presidência de Juárez-Celman, com o aumento do desemprego que levou os imigrantes a vagarem de uma região para outra do país. Como consequência dessa crise, muitos holandeses foram obrigados a migrar novamente para outras colônias ou serem repatriados para a Europa, sendo que quase 320 famílias voltaram para Buenos Aires para reivindicar ações sólidas com o cônsul. A fragmentação social experimentada pelos holandeses ainda arrastou muitas mulheres para a prostituição. Essas duras condições impostas sobre os imigrantes facilitaram a fundação da primeira Igreja Reformada, originalmente destinada a ajudar e dar assistência para os trabalhadores pobres do campo. A *Nederlandse Vereniging* — Associação Holandesa — visou ajudar a todos os holandeses que precisavam de suporte financeiro e alimentar.

Um contingente de imigrantes foi direcionado às cidades de Rosário e Santa Fé, que diferentemente de Tres Arroyos, nesses centros urbanos, os holandeses adotaram o estilo de vida argentino, abandonando não apenas as suas crenças, mas também a sua cultura e língua. Nesse contexto, Korstanje afirma que a religião funcionou como um mecanismo de revitalizar o vínculo social que permitiu o sucesso das comunidades. De epidemias a problemas econômicos, a religião era a única instituição protetora desses imigrantes, já que a sua fé funcionava como mecanismo de coesão, evitando sua aculturação e assimilação com o resto do país.

Korstanje ao contar sobre a trajetória da migração da sua família, ressalta que foi a situação de miséria e fome na Europa que os levaram para a Argentina, apesar das histórias familiares romantizarem essa chegada. Assim, a Argentina representou

um alívio a sua situação. Dos cinco clãs da família que migraram, apenas um escolheu a Argentina como destino primário, enquanto os outros seguiram para os EUA. Um dos jovens imigrantes se casou com uma holandesa, ex-nobre, que havia sido enviada para a Argentina, como castigo, por quebrar o protocolo real e tentar casar com um plebeu. Seus descendentes conseguiram bons casamentos, como com gerentes de multinacionais. Mas apesar de resguardar as raízes protestantes, ela se perdeu quando entraram mulheres argentinas para a família e, assim, abandonaram sua língua, cultura e tradição; e abraçaram os valores hispânicos e o catolicismo. Muitos anos depois, seus descendentes viajaram para os Países Baixos para visitar os locais de origem da família, criando uma reconexão com suas raízes. Tanto a migração forçada quanto o turismo compartilham naturezas similares, acionando pessoas para ir além de seus ambientes familiares na busca de algo novo. O primeiro é baseado na necessidade material, enquanto o outro deriva da rotina monótona e do hedonismo. Por fim, Korstanje defende que o turismo tem um papel crucial na conexão dos indivíduos com suas raízes e herança culturais.

3. A CRÔNICA DE UMA FAMÍLIA HOLANDESA

“Antigamente, cada homem, cada mulher percorria a pé o seu próprio território (aquele no qual se inscreviam todas as atividades do grupo ao qual pertencia); ele encontrava seus pontos de referência, sem dificuldade, nesse espaço contínuo, no qual nenhum elemento lhe era desconhecido.”

Yves Lacoste⁸

Durante a infância, eu ouvia a história da minha família contada e recontada pelos avós, que replicavam a narrativa adornada de encantos da moral burguesa. A família Horrocks, de origem inglesa, e a família Berenbroek, de origem holandesa, se encontraram na Argentina na virada do século XX, quando dois imigrantes se casaram em San Bartolomé, na cidade de Rosário, em 1903.

A família Berenbroek, possivelmente, tem sua origem nas margens do rio Waal, na vila de Lent, na cidade de Nijmegen, província de Guéldria, nos Países Baixos. Nijmegen era uma cidade católica, o que sugere que a família Berenbroek seguia essa mesma fé, considerando que dois terços da população eram católicos⁹ e que a família escolheu a Argentina como destino, enquanto 75% dos holandeses que migraram nesse período foram para a América do Norte e menos de 4% escolheram a Argentina, guiados principalmente pela afinidade religiosa (KORSTANJE, 2012). Esse tema continha inconsistências nos relatos, devido às contradições na narrativa, o que gerou incertezas sobre a fé religiosa da família; mas as interpreto como fruto do processo de acultramento que os filhos dos imigrantes holandeses sofreram no país de destino, fortemente influenciado por britânicos, cuja tradição religiosa era anglicana.

A narrativa familiar se iniciava como uma lenda: Os Berenbroek nasceram da saga dos irmãos gêmeos *Calça de Urso* — tradução literal do nome holandês Berenbroek — que viviam em cabanas de madeira no que hoje é chamado de Países Baixos e se cobriam com peles de animais, motivo pelo qual teriam ganhado tal nome. Retratados como bárbaros germânicos, os irmãos teriam prestado serviços para um rei, guerreando contra invasores do norte e recebendo em troca terras férteis e título

⁸ A *Geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra*, Lisboa: [s.n.], 1978, pp. 20.

⁹ <https://www.huisvandenijmeegseggeschiedenis.nl/info/27> Catholic emergence

nobre. Essa lenda foi contada por Adrianus Berenbroek para a sua neta, Ana, que a deixou de herança para as gerações seguintes.

No entanto, as terras pantanosas dos Países Baixos contam outra história: Os Berenbroek vem de uma antiga linhagem holandesa, visto que o nome tem origem toponímica, sendo o termo *broek* — grafado antigamente como *broeck* — uma referência ao pântano ou brejo, enquanto *beren* surgiu de uma adaptação de *bessen*, que significa frutos silvestres, como amoras, framboesas e mirtilos; e, portanto, exprimindo o brejo onde colhiam-se amoras. Esse significado do nome Berenbroek foi relatado por uma descendente da família que ouviu tal história de seu tio. Atualmente, ela habita a cidade de Rotterdam, tendo o seu avô migrado da cidade de Nijmegen, local de origem da família. Mas, diferente da família Ruijs van Beerenbroek, um nome de nobres cuja grafia é semelhante, não há qualquer título nobre associado à família Berenbroek, de Nijmegen, cujo membro ao qual descendo, assistiu a sua casa ir à leilão.

A parte da história que permite ser recontada pelos fatos emerge de documentos históricos oficiais que revelam uma hipoteca da casa do pai de Adrianus Berenbroek, o Mathijs. Em 1845, um evento trágico marcou a Europa, a chegada da praga da batata, um fungo que manchava as folhas e apodrecia os tubérculos, prejudicando as colheitas e impactando a agricultura arável de forma devastadora, especialmente no distrito de *Betuwe* — região de terras férteis, área da argila fluvial, situada entre os rios Waal ao sul e Nederrijn e Lek ao norte; também conhecida como o jardim das frutas dos Países Baixos —, situando Nijmegen no seu limite. A praga causou uma queda drástica na produção da batata, devido às perdas nas colheitas que chegaram a 100%, com uma média de 75%. Essa situação gerou uma crise com o aumento significativo da pobreza e da necessidade de assistência social, visto que haviam comunidades com excessiva dependência da batata. Concomitantemente a esse evento, ocorreu também uma queda na produção do centeio, causando a elevação dos preços dos alimentos e culminando numa crise alimentar por todo o país (BIELEMAN, 2010).

Assim, quando a crise atingiu a região, muitas pessoas, principalmente os agricultores, não escaparam de seus efeitos e se viram obrigados a enfrentá-la, esgotando suas poupanças e até contraindo dívidas, que, no caso dos Berenbroek, resultou na hipoteca de sua casa em 24 de abril de 1854, conforme aponta o

documento *hypotheekobligatie*¹⁰, um título hipotecário no valor de 2.800 florins, que menciona o devedor, Mathijs Berenbroek, um agricultor, e o dono do empréstimo, Elias Roos, comerciante de vinho e produtor de azeite. Esse registro e outros que foram consultados estão disponíveis nos arquivos notariais de Nijmegen, e alguns deles mencionam tanto o nome de Mathijs Berenbroek quanto de sua esposa, Johanna Weijenberg.

- Mathijs Berenbroek, nascido em 07 de julho de 1821, na cidade de Nijmegen, província de Guéldria, Países Baixos;
- Johanna Weijenberg, nascida em 27 de junho de 1823, na cidade de Dreumel, província de Guéldria, Países Baixos.

Mathijs e Johanna se casaram em 04 de maio de 1848, em Nijmegen, ainda durante o período crítico da crise. A ocupação de Mathijs aparece com nomes distintos em diversos documentos, mas o mais antigo registra tanto ele quanto o seu pai, Gerhardus Berenbroek, como trabalhadores rurais — *boerenarbeider* —. Enquanto Johanna era dona de casa — *dienst meid* — e juntos tiveram aproximadamente oito filhos, sendo Adrianus Berenbroek, nascido em 1852, o primogênito.

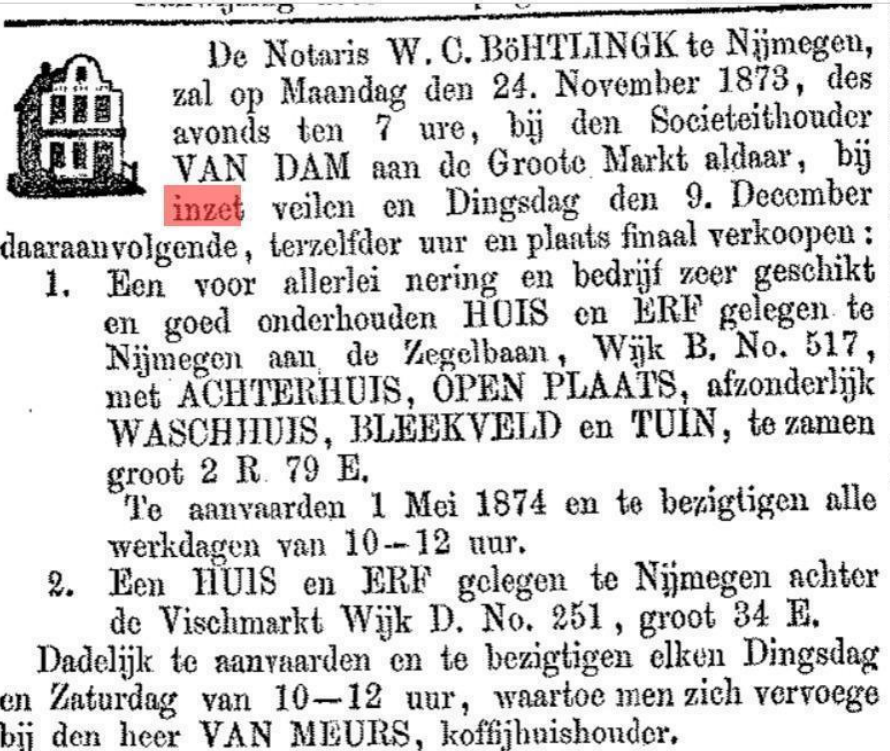
A família perdurou com a sua dívida até o começo da “Grande Depressão”, que foi uma crise agrícola que teve duas fases, a primeira ocorreu entre 1871 e 1880; e, a segunda, entre 1891 e 1895, quando o preço do trigo holandês caiu para 54% do seu nível anterior. A crise provocada pela queda dos preços dos grãos, foi causada pelo fluxo repentino e crescente desses produtos vindos do Novo Mundo para a Europa. O setor da pecuária também sofreu com a queda dos preços, impactando produtos como o queijo e a manteiga; que também passou a enfrentar a concorrência no mercado com a chegada da margarina, um substituto muito mais barato. Outros agricultores ainda conseguiram enfrentar a crise relativamente bem por algum tempo: os que trabalhavam com horticultura, que estava em rápida expansão; e os que trabalhavam com sistema de agricultura mista, por conta da engorda de porcos (BIELEMAN, 2010).

Essa crise conduziu o país às grandes e complexas mudanças estruturais, como a mudança nas relações geográficas de transporte mundial e a reorganização espacial da produção agrícola que a acompanhou, com a consequente mudança gradual na dieta diária dos europeus. Os preços dos grãos não apenas caíram, mas,

¹⁰ Disponível em: https://studiezaal.nijmegen.nl/detail.php?id=2404284353&nav_id=2-1&index=14

permaneceram baixos, disponibilizando aos consumidores uma parcela maior de sua renda para gastar em produtos alimentícios mais luxuosos. Contudo, diferente de outras crises, agora os trabalhadores rurais conseguiam encontrar emprego com relativa facilidade em outros setores da economia, visto que os Países Baixos estavam se industrializando rapidamente (BIELEMAN, 2010).

Em 20 de agosto de 1872, aparece um novo registro em cartório, uma *crediethypotheek*¹¹, representando um novo crédito hipotecário, com Anthonij Ijsbrand Arnoldus Looijen. Essa nova dívida mostra que a família Berenbroek estava entrando num ciclo de rolamento de dívidas. No dia primeiro de novembro de 1873, há o registro de uma procuração para Johanna, esposa de Mathijs, uma *volmacht*¹², que permitia que ela administrasse os bens da família. Porém, logo em seguida, em 24 de novembro de 1873, um *inzet*¹³, anunciava o leilão da propriedade hipotecada.



De Notaris W. C. BÖHTLINGK te Nijmegen, zal op Maandag den 24. November 1873, des avonds ten 7 ure, bij den Societeithouder VAN DAM aan de Grootte Markt aldaar, bij **inzet** veilen en Dingsdag den 9. December daaraanvolgende, terzelfder uur en plaats finaal verkoopen:

1. Een voor allerlei nering en bedrijf zeer geschikt en goed onderhouden HUIS en ERF gelegen te Nijmegen aan de Zegelbaan, Wijk B. No. 517, met ACHTERHUIS, OPEN PLAATS, afzonderlijk WASCHHUIS, BLEEKVELD en TUIN, te zamen groot 2 R. 79 E.
Te aanvaarden 1 Mei 1874 en te bezigtigen alle werkdagen van 10–12 uur.
2. Een HUIS en ERF gelegen te Nijmegen achter de Vischmarkt Wijk D. No. 251, groot 34 E.
Dadelijk te aanvaarden en te bezigtigen elken Dingsdag en Zaterdag van 10–12 uur, waartoe men zich vervoege bij den heer VAN MEURS, koffijhuishouder.

Figura 1 Anúncio do leilão no jornal PGNC em 23/11/1873.

Disponível em: https://studiezaal.nijmegen.nl/detail.php?nav_id=6-1&index=1&imgid=515410400&id=488149860.

Acessado em 22 dez 2025.

¹¹ Disponível em: https://studiezaal.nijmegen.nl/detail.php?nav_id=2-1&index=15&imgid=2430366990&id=2412453913

¹² Disponível em: https://studiezaal.nijmegen.nl/detail.php?id=2412458616&nav_id=2-1&index=16

¹³ Disponível em: https://studiezaal.nijmegen.nl/detail.php?nav_id=2-1&index=17&imgid=2430369034&id=2412458967

Na data de 09 de dezembro de 1873, há o registro de um *toeslag*¹⁴, algo relacionado a taxas extras sobre o valor do leilão, provavelmente para cobrir as despesas administrativas. Em 02 de maio de 1874, a ocorrência de um registro do documento chamado *royement*¹⁵, envolvendo Antonij Ijsbrand Arnoldus Looijen, significava a quitação da segunda hipoteca. E, finalmente, no dia primeiro de agosto de 1874, novamente há o registro de um *royement*¹⁶, dessa vez, envolvendo Elias Roos, o primeiro credor, representando o fim da hipoteca da família Berenbroek com a consequente expulsão de sua casa que outrora havia sido entregue como garantia. O registro do documento *transport*¹⁷, na mesma data, representa a transferência da propriedade para um açougueiro, chamado Everhardus Hubertus van Swelm, e o início da trajetória migratória para a família Berenbroek.

Essa propriedade, composta por uma casa, quintal e jardim, foi vendida por 2.900 florins, uma quantia significativa para a época. Estava localizada na cidade de Nijmegen, na rua *Zijgelbaan*, que foi totalmente destruída durante a Segunda Guerra Mundial e deixou de existir para dar lugar a uma praça, a *Plein 1944*, atualmente situada no centro da cidade. A medida da área da propriedade encontra-se nos documentos levantados, mas em unidades de medida antigas utilizadas nos Países Baixos, que, convertidas, equivalem a 279 metros quadrados. Essa medida é importante para compreender o perfil socioeconômico da família e a ocupação do patriarca, pois um agricultor necessitava de mais terras para o plantio e, portanto, essa hipótese foi descartada; enquanto que um trabalhador rural, poderia oferecer serviços para terceiros em fazendas próximas e ter uma pequena horticultura no seu quintal para subsistência e abastecimento de mercados locais, que é uma possibilidade para esse caso, porém, a posse da casa, ainda que provavelmente fosse fruto da herança de seu pai, iria requerer muito esforço de um simples trabalhador rural; enquanto que a proximidade da rua que morava com a rua do mercado de porcos, combinada com a informação da sua futura ocupação documentada como açougueiro, sugere que Mathijs já praticava o abate em sua propriedade e, provavelmente, a venda dos cortes de carnes também. O trabalho de um açougueiro era uma especialidade dentro da

¹⁴ Disponível em: https://studiezaal.nijmegen.nl/detail.php?id=2412459099&nav_id=2-1&index=18

¹⁵ Disponível em: https://studiezaal.nijmegen.nl/detail.php?id=2412460308&nav_id=2-1&index=19

¹⁶ Disponível em: https://studiezaal.nijmegen.nl/detail.php?id=2412461133&nav_id=2-1&index=20

¹⁷ Disponível em: https://studiezaal.nijmegen.nl/detail.php?nav_id=2-1&index=21&imgid=2430369619&id=2412461176

ocupação de um trabalhador rural, que demandava maior habilidade técnica. Assim, considero essa hipótese a mais plausível, inclusive, considerando o interesse e aquisição da propriedade, via leilão, por um açougueiro.

A história que esses documentos revelam não possui títulos da nobreza, mas o esforço de um açougueiro para manter o seu estilo de vida e a posse de sua casa, retratando o processo que muitos trabalhadores sofreram durante o período de industrialização da Europa. Com a inundação de produtos agrícolas baratos nos mercados europeus, que vinham do sul da Rússia e Ucrânia e, posteriormente, dos Estados Unidos e Canadá, impossibilitou a manutenção da agricultura doméstica (BIELEMAN, 2010), levando os agricultores a fazerem empréstimos que os lançavam em armadilhas de dívidas, pois a resposta do governo holandês foi ineficiente para proteger os seus agricultores, permitindo que muitos deles perdessem suas terras e acabassem em terras arrendadas ou nas grandes capitais, convertidos em mão-de-obra barata, em busca de emprego. Os trabalhadores rurais, já desprovidos de terras agricultáveis, também sofreram com a falta de trabalho e o que lhes restava era migrar para os centros urbanos que mais cresciam na província da Holanda (KORSTANJE, 2012), sendo esse o destino dos Berenbroek que migraram para a cidade de Rotterdam, província da Holanda do Sul. Na perspectiva de David Harvey, a expansão capitalista gerou a expulsão das comunidades de seus territórios e a migração surge nesse processo como consequência da acumulação por despossessão, conforme se verifica na narrativa documentada da família Berenbroek.

Nos documentos oficiais, principalmente, após o processo de despossessão, Mathijs não foi mais registrado como um agricultor ou trabalhador rural, mas apenas como um açougueiro. E o seu primogênito, Adrianus Berenbroek, apresentava a ocupação da carpintaria, tendo saído de Nijmegen para Gorinchem, cidade na província da Holanda do Sul, onde esteve à serviço militar¹⁸, em 1872.

- Adrianus Berenbroek, nascido em 07 de novembro de 1852 na cidade de Nijmegen, província de Guéldria, Países Baixos;
- Anna Elisabeth Merckx, nascida em 21 de abril de 1851 na cidade de Engelen, província de Brabante do Norte, Países Baixos.

¹⁸ Documento do registro no sorteio dos serviços militares:

https://studieaal.nijmegen.nl/detail.php?nav_id=1-1&index=6&imgid=2365570893&id=2365461440

Para enfeitar a lenda familiar, meus avós e tia-avó ainda contavam alguns fragmentos soltos da história de nossos ancestrais, como o relato das noites horripilantes que Anna, esposa de Adrianus, tinha vivenciado quando morava, ainda criança, num castelo e ouvia correntes batendo e sendo arrastadas, e, como não podia se refugiar no quarto dos pais, tinha que adormecer sozinha em seu próprio quarto. Dizia-se então que ela pertencia a uma família nobre, residente de castelo e de costumes autoritários. Mas como a filha de um sapateiro poderia ter vivenciado tal experiência em meados do século XIX? Segue esse fragmento misterioso que permanece como a memória de uma fábula.

O casal teve quatro filhos nascidos nos Países Baixos, nas diferentes cidades em que estiveram durante sua jornada migratória pelo país, sendo eles: três filhas mulheres e um filho homem. Quando emigrou para a cidade de Rosário, Argentina, Adrianus abriu uma fábrica de móveis clássicos, fazendo o design e a orientação da confecção para atender a alta sociedade, conforme contam os relatos transmitidos por seus descendentes. Isso representou uma ascensão social em comparação ao que viveu no seu país de origem, deixando para trás a categoria de trabalhador assalariado, obrigado a vender sua força de trabalho em troca de salário, para se tornar um dono de meios de produção e, portanto, passar a acumular capital no seu lugar de destino.

Conforme apontou María Sáenz Quesada, havia uma grande mobilidade social na Argentina, visto que a classe dirigente do Estado não conformava uma aristocracia rígida ao estilo europeu nem era fechada como a sociedade colonial da América andina, permitindo, portanto, a mobilidade social que Adrianus vivenciou quando se instalou no país. A sua nova posição social permitiu que a sua família tivesse contato com a elite argentina e os britânicos, que contavam com o prestígio de sua nação e desembarcavam na Argentina quase como senhores. Assim, ser agraciado com um sobrenome inglês autorizava a frequentar as melhores famílias argentinas e, inclusive, a se casar com elas. Para consolidar o êxito da família no novo território, a primogênita, Johanna, casou-se com um inglês e outra de suas filhas, Elisa, casou-se com o filho de uma condessa.

Porém, quando Adrianus projetou a expansão da sua fábrica sem conseguir um empréstimo para efetuar-la, alguns relatos familiares narram um ateamento de fogo que queimou a sua fábrica, provocado por ele próprio, com o propósito de receber o

dinheiro do seguro e efetuar a almejada expansão; outros relatos divergem e narram a ocorrência de um fogo acidental que converteu a fábrica em cinzas. De todo o modo, esse incêndio representou o fim da sua ascensão social, pois acabou perdendo a sua fábrica sem obter qualquer indenização, obrigando-o a retornar à categoria de trabalhador assalariado.

A alternativa para a família foi ceder a mais uma migração, dessa vez, para a cidade de Buenos Aires, onde Adrianus conseguiu um emprego numa loja de móveis. A minha bisavó, sua neta, além da adoração que tinha pela figura, sempre falando com tom de admiração quando contava sobre ele, também revelou, certa vez, que o temia, mas sem justificar, dando a entender que era pela sua altura e trejeitos de um bárbaro germânico. Ela chamava-o de *father* e contou que ele não gostava de religião, apesar do hábito de tomar licor com os padres enquanto jogavam xadrez, periodicamente. Alguns familiares, inclusive, já utilizaram a palavra *ateu* para se referir a ele, mas, considerando que no leito de morte ele pediu pela extrema unção, o fato que parece ser mais plausível é que ele tenha se afastado da religião e conservado a amizade com os padres, que fabricavam o licor que tomavam.

É importante ressaltar que Adrianus teve a sua infância e juventude marcadas pelos efeitos da praga da batata nos Países Baixos, período que levou à criação de novas regras para o assistencialismo social no país, delegando exclusivamente às Igrejas e às instituições privadas, o papel de assistir os pobres, num momento histórico no qual um quinto da população da cidade de Nijmegen dependia de suas esmolas para sobreviver¹⁹. Esse processo consolidou um papel político para a Igreja, que permitiu a expansão das escolas de educação católica na cidade; mas também foi um período marcado pela desigualdade das ações assistencialistas em todo o país, principalmente entre católicos e protestantes, gerando revoltas e disputas (MEERKERK, 2016).

A sociedade holandesa era caracterizada pela "cidadania paternalista", onde a elite assumia a tutela e proteção dos pobres a fim de promover o que acreditavam ser do melhor interesse para essa classe, muitas vezes com base em valores morais e religiosos. A associação da pobreza com ociosidade já estava presente na sociedade e o trabalho se transformava, gradualmente, em virtude e solução da miséria. A partir

¹⁹ <https://studiezaal.nijmegen.nl/detail.php?id=2126476096>

da década de 1870, os grupos confessionais começaram a adotar estratégias para civilizar as classes trabalhadoras, seguindo o exemplo da burguesia liberal. Esse processo resultou na pillarização — *verzuiling* — da sociedade holandesa, com grupos organizados por ideologias: católicos, protestantes e socialistas; que criavam suas próprias instituições, como escolas, hospitais, sindicatos, partidos políticos, jornais e associações culturais, reservados aos membros de suas respectivas comunidades. Ainda que a primeira administração cristã nos Países Baixos tenha sido uma coalizão de católicos e protestantes ortodoxos, que introduziu a Lei do Trabalho de 1889, contendo restrições ao trabalho excessivo e perigoso de mulheres e crianças (MEERKERK, 2016).

Em relação a Anna Elisabeth Merckx, sua neta contava que tinha facilidade com idiomas, pois teve a oportunidade de estudar na infância. Dizia ainda, em tom provocativo, que ela era uma pessoa muito doce e amorosa, muito diferente de sua mãe, dura e autoritária. Johanna, que é a mãe de minha bisavó, emigrou dos Países Baixos para a Argentina, junto com a família, em 1890, aos 10 anos de idade.

- Johanna Catharina Elisabeth Berenbroek, nascida em 31 de maio de 1880, na vila de Delfshaven, na cidade de Rotterdam, província da Holanda do Sul, Países Baixos;
- Joseph Nathaniel Horrocks, nascido no ano de 1867, na cidade de Liverpool, província de Lancashire, Inglaterra.

Johanna, filha de Adrianus e Anna, conheceu Joseph, um engenheiro inglês e amigo de seu pai, na cidade de Rosário, Argentina; e se casaram em 1903. Eles tiveram cinco filhos: Ana, Juan, Santiago, Violeta e Juana, todos nascidos na cidade de Buenos Aires, onde moravam. Johanna teve a primogênita, Ana, que era a minha bisavó; e depois teve uma gravidez de gêmeos, da qual nasceram Juan e Santiago. Porém, o acontecimento trágico da morte do Juan aos seis anos de idade, abalou Johanna e seu casamento, pois passou a culpar o marido pela tragédia. A memória familiar não guardou a causa exata da morte, que oscila entre um acidente e a fatalidade da meningite.

Joseph tinha negócios com um sócio em Buenos Aires, que envolviam a manutenção de ferrocarril e ferrovia. E, sobre o seu passado, há uma única história contada pela família, também transmitida pela minha bisavó, que era o fato dele ter

estado no continente africano a serviço da coroa inglesa para realizar o mesmo tipo de trabalho que fazia na Argentina, e apenas saiu de lá após contrair malária. Joseph desapareceu no ano de 1916, o mesmo ano da morte de sua mãe na Inglaterra. A minha bisavó, Ana, tinha doze anos na ocasião e contava que ele era muito bonito e afetuoso e que teria ficado perturbado com o número de mortes de trabalhadores que ocorreram durante a construção da ferrovia, além de uma ponte construída pela sua empresa ter caído, nesse mesmo ano.

Ele tinha uma irmã mais nova, Ann Elizabeth Foster, nascida em 1871, em Cheshire, Inglaterra; e casada com William Arthur Foster, no seu país de origem. O casal emigrou para a Argentina, antes de Joseph, e depois se estabeleceu definitivamente em Montevideo, Uruguai, onde Ann veio a falecer em 1927. A família Horrocks tinha uma tradição anglicana e a mãe de Joseph, aparentemente, ficou viúva cedo, pois casou-se novamente quando os dois filhos ainda eram crianças. Não foi localizado a certidão de óbito do pai de Joseph para confirmar esse fato.

Em relação a Johanna, contava-se que ela era presbiteriana, mas, seus pais eram católicos e seu marido era anglicano; e ela assegurou que a sua neta, minha tia-avó, frequentasse a Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo, fundada pelos missionários estadunidenses, localizada no centro de São Paulo. Assim, considero essas mudanças na fé religiosa como uma adaptação desses imigrantes para socializar com as elites, considerando a ascensão geopolítica dos Estados Unidos na época, meados de 1940. Minha tia-avó, inclusive, conheceu o seu marido estadunidense na igreja que frequentava e, também, estudou no colégio americano de São Paulo, preservando as amizades ali consolidadas ao longo da vida.

Johanna nunca falou do marido, Joseph, depois do seu desaparecimento, e não há sequer um único registro fotográfico dele, enquanto é possível admirar algumas fotografias de sua irmã, Ann e da família Foster, guardadas pela primogênita de Johanna. Com o desaparecimento do marido, Johanna se mudou com as duas filhas mais velhas para Montevideo, vivendo, provavelmente, sob a tutela da cunhada, Ann Foster. Sua primogênita, Ana, minha bisavó, contava desses anos muito glamourosos, vivendo com a elite uruguaia, da qual pertenciam os ricos imigrantes italianos e ingleses. Enquanto isso, a filha mais nova e o único filho homem de Johanna ficaram em Buenos Aires estudando.

Johanna cuidou de toda a família, filhos, netos e bisnetos, sendo chamada de *mother* por todos. E residiu na mesma casa com o meu pai e tios quando eram crianças pequenas. Ela falava alemão, holandês, espanhol, sendo mais comum ouvi-la falando inglês, o que indica que mesmo vivendo a adolescência e juventude na Argentina, ela falava o idioma dos britânicos e, assim, circulava entre eles. E esse era um dom que tinha herdado da mãe, que também falava diversos idiomas. Uma curiosidade sobre essa figura matriarcal é que era considerada uma ótima cozinheira, sendo lembrada pelos ensopados, típicos argentinos, como o *locro* e o *puchero*; e os *scones*, acompanhados de chá, eram servidos no final da tarde, uma tradição inglesa. E, assim, pouco é notável nos seus rituais algo que remeta a sua origem holandesa.

Com o falecimento da cunhada, a crise econômica de 1929 e a minha bisavó com um recém-nascido no colo, cujo pai não reconheceu o filho; as dificuldades surgiram para a família e para evitar o escândalo na elite uruguaia, e macular a imagem dos Foster, que as acolheram; elas emigraram novamente e, desta vez, o destino foi a cidade de São Paulo, Brasil; onde Ana, minha bisavó começava a se relacionar com um rico comerciante da indústria têxtil. Nessa fase migratória da família, a fé religiosa perdeu qualquer importância para a escolha do seu destino. Com o passar dos anos, Johanna e os filhos se estabeleceram definitivamente no Brasil, com exceção de Juana, a filha caçula, que se casou com um açougueiro em Buenos Aires e nunca emigrou do país para se estabelecer em outro lugar.

Johanna morreu aos 94 anos de idade, em Campinas, no estado de São Paulo. Ela estava sendo acompanhada e cuidada, nos seus últimos anos de vida, pela filha Violeta. Em 1974, com o falecimento de Johanna, no Brasil, encerra-se a saga migratória holandesa da família Berenbroek.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta autorreflexiva da autoetnografia proporcionou uma nova escrita das narrativas dos meus familiares, ao resgatar as histórias contadas e situá-las no contexto histórico-social-econômico e nos fatos documentados. A busca por documentos históricos revelou uma história que deve ser analisada sob o prisma dos ciclos econômicos, que moldaram a trajetória migratória da família, ao impulsionar a acumulação por despossessão e demandar a mobilidade da força de trabalho como consequência da expansão capitalista.

O abastecimento do mercado europeu com grãos importados, que começou a partir da crise da fome, devido a praga da batata, vai crescer com a abertura dos mercados, até inundá-lo com grãos e resultar em quedas no seu preço, a partir de 1870. Essa situação vai gerar mudanças estruturais na agricultura dos Países Baixos e impulsionar a sua industrialização. Esse processo resultou em crises econômicas, procura por crédito e a consequente expulsão de agricultores e trabalhadores de suas terras e suas casas, obrigando-os a vender sua força de trabalho nas cidades que cresciam economicamente, graças à mobilidade que foi imposta pela nova dinâmica capitalista que ampliou o seu mercado. A expansão capitalista foi, portanto, a principal força propulsora da trajetória migratória da família Berenbroek no século XIX.

A outra pergunta que norteou essa pesquisa foi a escolha do local de destino da família Berenbroek ao emigrar dos Países Baixos, que encontra no fator religioso uma forte possibilidade de influência na sua decisão; visto que os dados históricos mostraram que uma forte corrente migratória deixou os Países Baixos em direção aos Estados Unidos, enquanto apenas uma pequena parcela se dirigiu à Argentina. E a amostra analisada por Korstanje, em seu artigo, aponta a afinidade religiosa como uma possível causa para a escolha do país de destino no final do século XIX. A pesquisa revelou que a fé religiosa da família era católica e, portanto, estava alinhada à Argentina, que sustentava essa mesma fé, corroborando para explicar a decisão da família, nesse caso, conforme sugeriu Korstanje.

No entanto, a mudança de religião que aconteceu nas futuras gerações da família levantou novas perguntas que foram explicadas pelo fenômeno da aculturação e adaptação, ainda que não fosse uma adaptação cultural ligada à maioria católica do

país, mas que foi direcionada a um grupo específico de privilegiados naquela sociedade: os ingleses anglicanos na Argentina e os protestantes estadunidenses no Brasil. Esse movimento representa, assim, uma forma estratégica e interessada de estabelecer relações sociais. As emigrações que se sucederam, com a saída de Johanna Berenbroek da Argentina para o Uruguai e, depois, do Uruguai para o Brasil; não foram decisões orientadas pela afinidade religiosa, mas pela perspectiva de ganhos materiais; vale considerar, que ela estava sob a condição social de uma mulher casada, cujo marido estava desaparecido.

Há, ainda, dois pontos que foram fundamentais nessa pesquisa, o primeiro foi a importância do acesso aos documentos e registros históricos, disponibilizados online pelos municípios dos Países Baixos, para mapear o processo histórico da minha família e, assim, compreender e traçar cronologicamente a sua trajetória migratória e identificar e analisar o seu perfil econômico e suas posses. Nesse processo, também solicitei a digitalização de documentos, que foi atendida e foram disponibilizados, reiterando um serviço democrático de acesso à informação para a população e, também, o seu direito à identidade. O outro ponto fundamental foi o recorrente regaste das memórias familiares, através da consulta aos familiares e aos seus registros fotográficos, para reconstruir e juntar as partes das narrativas; cujo processo já desperta e planta sementes para a análise autorreflexiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIELEMAN, Jan. *Five centuries of farming: A short history of Dutch agriculture 1500-2000*. Wageningen Academic Publishers, The Netherlands, 2010.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography: An Overview. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, v. 12, n. 1, 2010. Disponível em: <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1589>. Acesso em: 2 set. 2025.

HARVEY, David. *A Produção Capitalista do Espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

KORSTANJE, Maximiliano. In search of something new. Chronicles of Dutch mobilities in Argentina between 1880 and 1914. *Diversité et identité culturelle en Europe*, An IX, nr. 2. Editura Muzeul Literaturii Române, 2012. Disponível em: https://www.diversite.eu/pdf/09_2/DICE_09.2_Full_Text_p42-p60-Maximiliano-KORSTANJE.pdf. Acesso em: 20 set. 2025.

MARX, Karl. *Os Despossuídos*. São Paulo: Boitempo, 2017.

MEERKERK, Elise van N. Grammar of Difference? The Dutch Colonial State, Labour Policies, and Social Norms on Work and Gender, c.1800–1940. *International Review of Social History*, v. 61, 2016, pp. 137–64. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26394893>. Acesso em: 27 jan. 2026.

QUESADA, María Sáenz. *La República dividida: 1852-1855*. Buenos Aires: Ediciones La Bastilla, 1979.